



# *Câmara Municipal de São Paulo*

## **Gabinete Vereador Adolfo Quintas**

Justificativa PL 211/07

A “de cujus” Carolina Maria de Jesus, nascida no dia 14 de março de mil novecentos e quatorze, na cidade de Sacramento, Estado de Minas Gerais, cidade onde viveu sua infância e adolescência.

Filha de negros e mulher, fatores estes que naquela época lhes eram desfavorável, teve como base escolar simplesmente dois anos da escola primária, por sinal mal cumpridos. Com o falecimento de sua genitora, vem para o Estado de São Paulo, em meados de 1937. Exerce a função de empregada doméstica em várias residências até que, grávida de seu primeiro filho, fica preterida ao trabalho. Neste contexto, ou seja, inúmeras dificuldades financeiras, muda-se para a favela constituída no Bairro do Canindé, na oportunidade a maior favela que havia na Cidade de São Paulo.

Carolina foi mãe de 03 filhos. A Saber: João José de Jesus, José Carlos de Jesus e Vera Eunice de Jesus Lima.

Carolina, viveu mais de 9 anos na favela, ela seus 3 filhos.

Curiosamente, vivia as expensas de seu trabalho, através de recolhimento de materiais recicláveis na época em que não se discutia referida cultura. Fonte de rendimento que a mantinha e sua prole. Porém, no ano de 1958, sob o olhar de um jornalista que perceberá naquela mulher a capacidade criativa literária, faz a primeira reportagem no jornal Folha da Noite sobre o diário escrito por esta digna mulher. NO ano seguinte é a vez da revista conceituada “O Cruzeiro” fazer uma matéria sobre Carolina, divulgando o retrato da favela aos olhos de Carolina. Era o aceno do sucesso e da popularidade, cujo fortalecimento chegaria a partir do ano de 1960.

Carolina valeu-se de sua experiência como favelada, lançando-o através de um diário-reportagem, o que acabou tirando-a do meio da favela, vindo a conhecer, ainda que por brevíssimo tempo, a glória e a fama, “o mundo e os fúteis ouropéis mais belos”.

Agora então, a favelada e escritora, como ficou conhecida à época, teve seu primeiro livro publicado pela livraria Francisco Alves, titulado Quarto de Despejo, sendo lançado em sua primeira edição 10 mil exemplares, esgotados na primeira semana. Mais nove edições foram feitas no Brasil, sem contar com a edição de bolso em 1976.

Quarto de Despejo é considerado um dos maiores best-sellers do Brasil. Foi traduzido para 13 idiomas, publicado em 40 países. Virou assunto corriqueiro em jornais, revistas nacionais e internacionais, com amplas reportagens nas revistas Life, Paris, Época, Réalité e Time.

A obra de Carolina Maria de Jesus é um referencial importante para os estudos culturais, tanto no Brasil como no exterior.

Além de Quarto de Despejo (1960), teve outras obras como Casa de Alvenaria (1961), Pedacos de Fone (1963) Provérbios (1963) e Diário de Bitita (1.982) Póstumo.

A Rede Globo de Televisão faz adaptação para o programa Caso Verdade o livro Quarto de Despejo, sendo ainda adaptado para o teatro.

O descenso do prestígio de Carolina, coincide com o fim do populismo oficial no país e com a virada política do golpe militar de 1964. Sem dinheiro, ela é obrigada a mudar-se da bela casa no bairro de Santana, para um sítio no bairro de Parelheiros.

No ano de 1966, Carolina é novamente lembrada pela mídia. Teria sido vista na Rua Helvetia, maltrapilha e retornando às suas origens, ou seja, catadora de papéis, como quando vivia na favela. Queixa-se, na ocasião, das dificuldades encontradas para conseguir trabalho e mesmo para conseguir comercializar o que consegue nas ruas. Os comerciantes da pobreza se recusam a negociar o lixo da cidade com uma estrela.

Fazendo-se um parêntese, a situação de mulher escritora, nestas circunstâncias, é idêntica com a dos negros do Cafundó, que postos em evidência por insígnies pesquisadores e jornalistas, em virtude do vocabulário africano conservado ativamente em sua comunidade, passaram a ter sérias dificuldades para encontrar trabalho, sob a infundada alegação de que artista não precisa de trabalho.

Carolina, a exemplo de tantos outros negros e pobres no Brasil, vive, então, na pobreza, como Lima Barreto, talvez seja o caso mais trágico de nossa literatura – a esperança de resgatar, pelo prestígio intelectual, o prestígio social que jamais tivera.

É na casa de José Carlos, seu segundo filho, um barraco, que Carolina vem a falecer no dia 13 de fevereiro de 1977. Assim noticiaram os jornais: “Morreu como sempre viveu; pobre”.

Concluindo, ao nosso entendimento, a questão da visibilidade do povo brasileiro, ou afro-brasileiro, história e cultura, a construção e reconstrução da identidade passa tanto pela produção bibliográfica e literária como pelo trabalho de organização, manutenção e divulgação de imagens, que no presente projeto de lei em questão trata em homenagear esta mulher, símbolo de uma cultura que não valoriza o ser humano, ainda mais como representava Carolina, motivo pelo qual vem da mesma forma de encontro a Lei Federal 10.639/2003, que trata da obrigatoriedade de

resgatar o ensino de história da África e dos afro-brasileiros,, o que efetivamente contempla esta mulher através de sua luta e história que nos deixa.

Por tudo isto, acreditando na importância que nos representa Carolina Maria de Jesus, conto com os nobres Pares, no sentido de ver aprovado o presente Projeto de Lei.

# CAROLINA MARIA DE JESUS

## *I - SOBRE A HOMENAGEADA*

Carolina Maria de Jesus nasceu a 14 de Março de 1.914, em Sacramento, estado de Minas Gerais, cidade onde viveu sua infância e adolescência. Foi filha de negros que, provavelmente, migraram do Desemboque para Sacramento quando da mudança da economia da extração de ouro para as atividades agro-pecuárias.

Quanto a sua escolaridade, foram dois anos mal cumpridos que constituíram toda a sua cultura letrada. Com a morte da mãe, vem para São Paulo em 1937. Trabalha como empregada doméstica em diversas casas até que, grávida de seu primeiro filho, já não a aceitam para esse tipo de serviço. Muda-se para a favela, no bairro do Canindé, a maior favela que havia na Cidade.

Carolina foi mãe de 3 filhos: João José de Jesus, José Carlos de Jesus e Vera Eunice de Jesus Lima.

Carolina, viveu mais de 9 anos na favela, ela e seus 3 filhos, única e exclusivamente do lixo, retirando material reciclável e obtendo produtos alimentícios. Até que em 1.958, aparece a primeira reportagem sobre o seu diário no jornal Folha da Noite. No ano seguinte é a vez da Revista O Cruzeiro de divulgar o retrato da favela feito por Carolina. Era o aceno do sucesso e da popularidade. O abraço viria em seguida, a partir de 1.960.

O fato de ter transformado sua experiência de favelada num diário-reportagem tirou-a da favela do Canindé, onde a fez conhecer, ainda que por brevíssimo tempo, a glória, a fama, "o mundo e os fúteis ouropéis mais belos".

A Favelada-escritora, como ela era conhecida à época, teve seu primeiro livro publicado pela Livraria Francisco Alves, titulado **Quarto de Despejo**, cuja sua primeira edição foi de 10 mil exemplares, esgotados na primeira semana. Nove edições foram feitas no Brasil, sem contar a edição de bolso produzida em 1.976.

Quarto de Despejo, é considerado um dos maiores best-sellers do Brasil. Foi traduzido para 13 idiomas e foi publicado em 40 países. Passou a ser assunto constante em jornais, revistas nacionais e internacionais, com ampla reportagem em Life, Paris, Match, Época, Réalité e Time.

A obra de Carolina Maria de Jesus é um referencial importante para os estudos culturais, tanto no Brasil como no exterior.

Quarto de Despejo 1.960, Casa de Alvenaria 1.961, Pedacos de Fome 1.963, Provérbios 1.963 e Diário de Bitita 1.982 (Póstumo).

Em 1.983, a Rede Globo adapta para o programa Caso Verdade o livro Quarto de despejo, que já conhecera nos anos de sucesso, uma outra adaptação para o teatro.

O descenso do prestígio de Carolina coincide com o fim do populismo oficial no país e com a virada política do golpe militar de 1.964. Por falta de dinheiro, ela é obrigada a mudar-se da casa de alvenaria no Bairro de Santana, para ir morar em Parelheiros em um sítio.

Em 1.966, os jornais voltam a falar da autora. Teria sido vista na rua Helvetia, maltrapilha e exercendo a "profissão" que sempre exerceu, nos anos em que morou na favela: a de catadora de papéis. Queixa-se, na ocasião, das dificuldades que tem para conseguir trabalho e mesmo de vender o que recolhe pelas ruas. Os comerciantes da pobreza se recusam a negociar o lixo da cidade com uma estrela.

Entre parênteses, a situação de Carolina Maria de Jesus, nestas circunstâncias, é muito parecida com a dos negros do Cafundó que postos em evidência por pesquisadores e jornalistas, em virtude do vocabulário africano conservado ativamente em sua comunidade, passaram a ter sérias dificuldades para encontrar trabalho como diaristas, sob a alegação dos patrões de que artistas não precisam trabalhar.

Carolina, vive, então, como muitos outros pobres e negros no Brasil – Lima Barreto talvez seja o caso mais trágico de nossa literatura – a esperança de resgatar, pelo prestígio intelectual, o prestígio social que nunca tivera.

É na casa de José Carlos, o segundo filho, um barraco, que ela morre no dia 13 de fevereiro de 1.977. Assim noticiaram os jornais: "Morreu como sempre viveu: pobre."

## **II – OBJETIVO**

Nomear a Praça situada entre as ruas: Cachoeira Morena, Igarapé Santo Inácio, Arroio Dom Marcos e Igarapé Torre da Lua, setor Inácio Monteiro, Cidade Tiradentes como sendo Praça "**CAROLINA MARIA DE JESUS**".

#### ***IV – JUSTIFICATIVA***

Entendemos, ao nosso modo, que a questão da visibilidade do povo afro-brasileiro, história e cultura, a construção e reconstrução da identidade passa tanto pela produção bibliográfica e literária como pelo trabalho de organização, manutenção e divulgação de imagens, que no projeto em questão trata da homenagem à autora, designando seu nome a uma praça. Entendemos ainda, que rumamos ao encontro da Lei federal 10.639/03, que trata da obrigatoriedade do ensino de história da África e dos afro-brasileiros.

Com a iniciativa, estaremos promovendo uma importante personalidade negra, do mundo literário, que é capaz de produzir orgulho para os afro-descendentes, em busca de sua identidade cultural. A criação, produção e implantação do referido projeto, é capaz de garantir a fertilização de um solo cultural e mental afrocêntrico orgânico e inclusivo, indispensável na construção de uma sociedade baseada na tolerância e na paz.